

FIGURAÇÃO DO ESTRANGEIRO E DAS FRONTEIRAS EM “O RECADO DO MORRO”, DE GUIMARÃES ROSA

Doutoranda Eliane Campos¹ (UERJ)
Prof. Dr. Gustavo Bernardo Krause² (UERJ)

Resumo:

Este artigo pretende examinar o conto “Recado do Morro” de Guimarães Rosa (1908-1967) à luz dos estudos culturais bem como referenciando-se na filosofia de Vilém Flusser (1920-1991) em suas ricas contribuições a esse campo de análise. É sabido que tal filósofo conheceu pessoalmente o escritor Guimarães Rosa e, embora grande parte da obra de Rosa seja anterior, o pensamento flusseriano pode ter influenciado ou não a obra roseana. Flusser defendeu que “o estrangeiro, categorizado como tal, se opõe diretamente à repulsa daqueles que se encontram acomodados, à repulsa dos monoglotas e dos experts que desenham fronteiras entre os territórios do conhecimento e da memória¹”. Para ele, “não há fronteira, não há dois fenômenos no mundo que possam ser divididos por uma fronteira, que seria sempre uma separação artificial²”.

A partir disso, cabe aqui analisar a personagem Alquiste ou Olquiste, do conto “O recado do morro”, de Guimarães Rosa, considerando a problematização do estrangeiro e das fronteiras, sugerida por Flusser em vários de seus escritos. Nesse conto, o narrador apresenta tal personagem como “Um, de fora, a quem tratavam por seo Alquiste ou Olquiste – espigo, alemão-rana, com raro cabelim barba-de-milho e cara de barata descascada³. Não por acaso, esse e os demais transeuntes “iam, serra-acima, pelo espigão divisor⁴”.

Assim, é possível pensar práticas de escritas em trânsito através desse personagem estrangeiro e sua caderneta de anotações (até como uma referência ao próprio autor e suas viagens pelo sertão mineiro). Além disso, pode-se focalizar, nesse conto, a diluição de fronteiras (espaciais, linguísticas e culturais), determinando uma possível geologia literária do sertão roseano, definido inúmeras vezes como universal, um “entre-lugar⁵”.

Palavras-chave: Estrangeiro. Fronteira. Universal. Escritas em trânsito.

Introdução :

A novela “ O recado do morro” foi publicada pela primeira vez no segundo volume de *Corpo de Baile* em 1956. Essa é uma história-novela, novelo, que vai se desenrolando durante o contar. Tal como Xerazade em *As Mil e uma noites*, que inventava histórias para fugir de seu destino, o recado conclamado por Gorgulho, o

¹ FINGER. 2008. pg.48.

² FINGER. 2008. pg.39.

³ ROSA, 1969, pg.11.

⁴ ROSA,1969, pg.11.

⁵ Cf. SANTIAGO, 1978.

eremita, vai se formando e se transformando a cada novo enunciador. Uma história da celebração da palavra, travessia da palavra, transmutando-se de maneira caótica e simbólica em uma canção.

Em carta a Edoardo Bizzarri, seu tradutor para o italiano, Guimarães Rosa explica sua interpretação sobre esse texto:

O “Recado do Morro” é a estória de uma canção a formar-se. Uma “revelação”, captada, não pelo interessado e destinatário, mas por um marginal da razão, e veiculada e aumentada por outros seres não-reflexivos, não escravos ainda do intelecto: um menino, dois fracos de mente, dois alucinados — e, enfim, por um ARTISTA que, na síntese artística, plasma-a em CANÇÃO, do mesmo modo perfazendo, plena, a revelação inicial. (ROSA, 1980, p. 59)

O recado será transportado em terras gerais até o festejo Congo, circunstância em que ele será declamado e cantado por Laudelim, um dos sobejantes amigos de Pedro Orósio, herói da trama. Não por acaso essa mensagem-enigma é que decidirá pelo destino desse personagem namorado e ela será cantada numa festa dos reis congos, festa de inversão social em que os considerados “subalternos” tomam lugar de rei, como se fossem reis e rainhas dignos de coroação.

Com efeito, ao deslocar-se pelo circuito de várias vozes atonais, estrangeiras umas às outras, intraduzíveis e portanto irredutíveis entre si, o recado territorial resulta paradoxalmente num canto polifônico de alto valor poético e teor universal. Percebe-se que a mensagem, depois de decodificada, encerra, no modo de intencionar sua forma poética, a clave de sua própria tradução, dotando-se, nesse sentido, de um ideal de inteligibilidade universal. (FANTINI, 2003, pg. 198)

Essa novela narra a história de cinco viajantes, sendo dois deles familiarizados com a região do sertão mineiro pela qual viajavam e os outros três, um padre, um naturalista dinamarquês e um proprietário de terras, montados a cavalo, “gente de pessoa”, de grande estirpe, prestes a conhecer o lugar. Nesse sentido, o estudioso Vilém Flusser (1920-1991), a respeito desse conto, declara:

A ontologia desses entes passa então de geologia para biologia. E confunde a pergunta: qual é o ser do sertão, que é o ser desses entes? E tudo isso debaixo de um céu impiedosamente azul que mata, com sua luminosidade, todas as cores, a clara noite do nada. Um céu de sol gigantesco que conflagra, ao levantar-se e pôr-se o universo. Um céu no qual giram, em círculos de eterno retorno, os gaviões vorazes,

vigias eternos da corrupção, da decomposição do ser em não ser, vigias ontológicos incorruptíveis.

Mas os morros escondem, entre as suas dobras, um recado secreto. Um segredo que é desmontado, um recado que é desdobrado pela travessia. Estreitamente guardado por duplas fileiras de buritis, aguarda esse segredo a sua revelação pelo peregrino, pelo *homo viator*. São as veredas. Faixas estreitas e luxuriantes, ilhas de luxo e de luxúria no oceano do lixo. Um grito vitorioso da vida no abraço estreito e angustiante da morte. Esta a geografia metafísica e teológica que serve de pretexto para a obra de Guimarães Rosa. (FLUSSER, Vilem.⁶)

Destaca-se o início do texto: “Sem bem que se saiba, conseguiu-se rastrear pelo avesso um caso de vida e de morte, extraordinariamente comum, que se armou com o enxadeiro Pedro Orósio”. Há a presença da aliteração da letra “S” que mais adiante será explicada: “Desde ali, o ocre da estrada, como de costume, é um S, que começa grande frase. E iam, serra-acima, cinco homens, pelo espigão divisor.” (ROSA, 1969, pg.11) Assim, a história se constituirá num caminho em “S” que será explicitado espacialmente mas, também, simbolicamente, como a construção do recado, através dos falares locais. Lembrando ainda que o símbolo do infinito, tão utilizado por Rosa, nada mais é do que um “S” de ida e volta. Provavelmente, o caminho de vida e morte vivenciado por Pedro Orósio.

A partir disso, apresentar a figuração do estrangeiro e das fronteiras em “O recado do morro” é, de alguma maneira, entrar em território perigoso já que o caminho que se faz pela estrada-mestra muitas vezes é desviado, ou pelo interesse estrangeiro – quando seu Alquiste quer saber alguma informação ou detalhe da região - , ou pelo próprio desvio do curso da palavra. De algum modo, o texto se produz com a quebra de caminhos, dissolvendo fronteiras, e, ao mesmo tempo, outras construindo.

Muitas são as fronteiras sugeridas. As mais evidentes e que merecem ser destacadas são: as *fronteiras espaciais*; as *sociais/culturais* e, por último, as *linguísticas*. Numa leitura mais atenta, percebe-se que as fronteiras *sociais/culturais* são as mais salientadas pelo narrador. Embora a novela traga como personagem um ser estrangeiro, o aspecto linguístico não parece ser o grande delimitador, pelo contrário, este funciona como sinal de transculturalidade, de plasticidade e de unificação. Por último, a fronteira *espacial* é sugerida em alguns momentos mas, ainda assim, é

⁶ <http://flusserbrasil.com/index.html>; consultado em 1/09/2016.

ampliada, sobretudo quando se entende o percurso literalmente universal, de passagem pelos sítios-planetários (Saturnino, Marciano, Apolinário, Nhá Selenia, Nhô Hermes, Dona Vininha, Jove), feito pela comitiva.

O estrangeiro :

Segundo a pesquisadora Myriam Ávila⁷, em sua obra *O retrato na rua* (2008), existem quatro tipologias para o encontro, podendo elas se misturarem numa situação real de confrontação : *o turista, aquele demarcador de fronteiras, o colonizador e o fantasmático*. O personagem da novela, seu Alquiste, parece-me pertencer ao primeiro tipo: **turista** em que “a possibilidade de entrar no território do outro como *voyeur*⁸ e sair sem ter alterada sua própria identidade é o que o fascina. (...) Nesse tipo de encontro, o outro não tem voz. (...) Confirma-se a identidade do “eu”, que passou pela experiência do não familiar e permaneceu o mesmo” (ÁVILA, 2008, pg.74). Seria então, a figura do viajante, do observador naturalista, pesquisador botânico, do turista em que a passagem pelas terras estrangeiras não interfere fortemente na sua visão de mundo.

Alquiste ou Olquiste é um homem culto, pesquisador botânico. Esse personagem faz referência ao naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880) que esteve na região no século XIX. No texto, Alquiste é descrito como um sujeito muito curioso que quer saber sobre todos os acontecimentos à sua volta. “Enxacôco e desguisado nos usos, a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor : fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho atôa, uma moita de carrapicho, um ninhol de vêspos”. (ROSA, 1969, pg.5-6)

Além da percepção de que Seo Alquiste estava tudo observando e valorizando detalhes que, para os outros, passavam despercebidos, nota-se também o uso da caderneta e do desenho como formas de apreensão sobre os aspectos da fauna e flora, entre outros. Diante disso, pode-se remarcar a figura do turista, observador, sem grandes envolvimento, uma vez que o período de estada em terras estrangeiras seria passageiro, com fins apenas de pesquisa e apreciação.

⁷ Myriam Ávila, doutora em Literatura Comparada, é professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

⁸ Palavra francesa cujo significado pode ser ‘observador’.

Ainda por causa de seu Alquiste, “gente de pessôa”, os cavaleiros saíam da estrada-mestra, saíam do rumo premeditado. Isso faz atrasar a chegada aos Gerais, terra de Pedro Orósio.

Ao dito, seu Olquiste estacava, sem jeito, a cavalo não se governava bem. Tomava nota, escrevia na caderneta; a caso, tirava retratos. A gameleira grande está estrangulando com as raízes a paineira pequena ! – ele apreciava, à exclama. Colhia com duas mãos a ramagem de qualquer folhinha campã sem serventia para se guardar: de marroio, carqueja, sete-sangrias, amorzinho-seco, pé-de-perdiz, João da costa, unha-de-vaca-roxa, olhos-de-porco, copo d’água, língua de tucano (...) Outramão, ele desenhava, desenhava: de tudo tirava traço e figura leal. (ROSA, 1969, pg. 14).

Assim, seu Alquiste figura na novela como um estrangeiro letrado, europeu, branco e louro, curioso com os costumes e riquezas naturais da região do sertão mineiro. No entanto, para além do olhar “exótico” não se nota um envolvimento mais profundo de Alquiste com a cultura sertaneja. Há um certo deslumbramento para compreender o que se passa ao seu redor mas, ao mesmo tempo, os acontecimentos não o transformam nem o entranham significativamente.

As fronteiras:

Tendo percebido como se apresenta o estrangeiro, é importante se ater à compreensão das fronteiras:

As fronteiras espaciais são aparentemente apagadas, pois quando o narrador caracteriza a região, há uma apresentação ampla, sem cerceamento. A fronteira espacial é a que menos é evidenciada já que há uma forte referência à amplitude, imensidão do universo.

O céu não tinha fim, e as serras se estiravam, sob o esbaldado azul e enormes nuvens oceanosas. (...) E assim seguiam, de um ponto a um ponto, por brancas estradas calcárias, como por uma linha vã, uma linha geodésica. Mais ou menos como a gente vive. Lugares. Ali, o caminho esfolia em espiral uma laranja: ou é trilha escalando contornadamente o morro, como um laço jogado em animal. Queriam subir, e ver. O mundo disforme, de posse das nuvens, seus grandes vazios. (ROSA, 1969, pg.19).

Além disso, há nesse contexto também o Morro da Garça que segundo boiadeiros, “estava por toda a parte”.

E, indo eles pelo caminho, duradamente se avistava o Morro da Garça, sobressaindo. O qual comentaram. Pedro Orósio bem sabia dele, de

ouvir o que diziam os boiadeiros. Esses, que tocavam com boiadas do Sertão, vinham do rumo da Pirapora, contavam – que, por dias e dias, caceteava enxergar aquele Morro: que sempre dava ar de estar num mesmo lugar, sem se aluir, parecia que a viagem não progredia de render, a presença igual do Morro era o que mais cansava. (ROSA, 1969, pg.31).

Apesar dessa pretensa imensidão espacial, e ausência de fronteiras explícitas, aparecem os rios serpenteando, abrindo S como em grande frase, dividindo territórios; “Fim do campo, nas sarjetas entremontãs das bacias, um ribeirão de repente vem, desenrodilhado, ou o fiúme de um riachinho, e dá com o emparedamento, então cava um buraco e por ele se sorvete, desaparecendo num emboque”... (ROSA, 1969, pg. 13).

Cita-se também a profissão de Gorgulho, o eremita, que antes era um valeiro : “Que ele tinha sido valeiro, de profissão, em outros tempos ... – emendava baixinho Pedro Orósio. Abria valos divisórios. Trabalhava e era pago por **varas**: preço por varas. Pago a pataca. Fechou estes lugares todos.” (ROSA, 1969, pg. 24).

A decadência da profissão de valeiro é um acontecimento importante pois, ao mesmo tempo que demonstra o desaparecimento de uma estrutura bruta de separação (valas), há o surgimento de uma estrutura mais simbólica que são as cercas de arame; o arame representa a chegada do proprietário de terra capitalista – estrutura pós-colonial e industrial:

Com o decorrer da história da humanidade podemos perceber que antigamente se utilizavam de várias formas para promover o cercamento de uma área: cercas, muros e até mesmo vantagens ou modificações geográficas. Esses cercamentos eram confeccionados em diversos materiais como: junco, pedras, barro, madeira e valas (valetas). Atualmente, considera-se que cercas e muros apresentam diferenças anatômicas e funcionais. As cercas são vazadas e confeccionadas em estruturas auto-sustentáveis, projetadas para restringir ou prevenir o acesso ao interior de sua área, por exemplo, mantendo rebanhos em seu interior e também delineando áreas. Já os muros são maiores, fechados, e tem uma função forte de proteção e separação territorial. Porém, a idéia e a necessidade de ambos de cercar existem há séculos, trazidas pela necessidade de proteção (homens, rebanhos e lavouras), identificação e delimitação de áreas não comuns⁹.

⁹ PACHIONI & GONCALVES, em <http://www.clubeamigosdocampo.com.br/artigo/a-historia-das-cercas-1018>, consultado em 21/09/2016.

Em seguida, podemos destacar as *fronteiras sociais/culturais*. Mais manifesto na novela pois, desde o início, o narrador se refere aos cavaleiros como “gente de pessoa” e essa caracterização, aos poucos, vai ganhando mais força e diferenciação.

Contentava-o ver o Ivo abrir paz; coisa que valia neste mundo era se apagarem as dúvidas e quizílias. Toda desavença desmanchava o agradável sossego simples das coisas, rendia até preguiça pensar em brigar. Nunca desgostara do Ivo, e, quando mesmo, ali era o Ivo o único de sua igualha, a próprio, e a gente sentia falta de algum companheiro, para se entreter presença de conversa; do contrário a viagem ficava aborrecida. Outros eram os outros, de bom trato que fossem: mas, pessoas instruídas, gente de mando. E um que vive de seu trabalho braçal não cabe todo avontade junto com esses, por eles pago.(ROSA, 1969, pg.16)

De certo, segredos ganhavam, as pessoas estudadas; não eram para o uso de um lavrador como ele, só com sua saúde para trabalhar e suar, e a proteção de Deus em tudo. Um enxadeiro, sol a sol debruçado para a terra do chão, de orvalho a sereno, e puxando toda força de seu corpo, como é que há de saber pensar continuado ? (ROSA, 1969, pg.18).

Finalmente, há as *fronteiras da linguagem*. Surpreendentemente, essa é a fronteira menos destacada pois, ao contrário de realçar as diferenças, o narrador valoriza as inteirezas. Diferentemente de dizer do sotaque estrangeiro, o narrador valoriza o acento regional para descrever Frei Sinfrão “falava completo a língua da gente, porém sotaqueava”.

Além disso, há um momento em que seu Alquiste está percebendo, por intuição, a importância do recado. Como acontece frequentemente quando se está em terras estrangeiras: por vezes não se sabe o significado, mas se sabe o valor semântico sugerido pela enunciação.

“**Vad ? Fara ? Fan ?**” – e seo Alquiste se levantava. – “Hom’ êst diz xôiz’ imm’portant!” – ele falou, brumbrum. Só se pelo acalor de voz do Gorgulho ele pressentia. E até se esqueceu, no afã, deu apressadas frases ao Gorgulho, naquela língua sem as possibilidades. (ROSA, 1969, pg.28).

Em outro momento, seu Alquiste queria se comunicar e tinha para isso a ajuda de Frei Sinfrão: “ Mas bastante assentava no caderno, à sua satisfação. Quando não provia melhor coisa, especulava perguntas; frei Sinfrão, que se entendia na linguagem dele, repetia.” (ROSA, 1969, pg. 15). Em diversas situações, frei Sinfrão tenta ajudar seu Alquiste na comunicação, porém a fala dos dois é entremeada. Ou seja, não se sabe bem onde começa uma fala e onde termina a outra. Um exemplo é quando

seu Alquiste conversa com Pedro Orósio e, em uma determinada fala: “E quando é que você toma juízo, Pedro, e se casa ?” (ROSA, 1969, pg.15), para o leitor não fica claro se quem fez a pergunta foi o estrangeiro ou o padre.

Ademais, no conto, também há a pronúncia alomórfica de Alquiste /Olquiste, justamente sugerindo a dificuldade de se pronunciar dos moradores locais. O autor, nesse caso, se utilizou de uma solução agregadora para não desmerecer o falar nativo e, por isso, encontrou na transculturalidade o manejo adequado para romper fronteiras.

Há em algumas partes, também, a referência a palavras estrangeiras mas isso é menos valorizado do que se imaginaria. O próprio recado (discurso que se entremeia) é igualmente uma história que não se sabe bem onde acaba, pois é feita em circularidade, passando de mensageiro em mensageiro até os confins dos Gerais, determinando o destino final de Pedro Orósio.

Assim, percebe-se que a figura do estrangeiro bem como das fronteiras no conto “Recado do Morro” (1969) é bastante evidenciada. No entanto, diferentemente de uma fronteira explícita, Rosa preferiu as fronteiras simbólicas para, talvez, dizer que muitos são os estranhamentos e deslocamentos num percurso vivível. Nessa perspectiva, também Flusser, em uma entrevista de 1990, como lemos à página 97 de *Zwiesgesprache* (“Conversações”), relativizou as fronteiras bem definidas:

Não há fronteira. Não há dois fenômenos no mundo que possam ser divididos por uma fronteira, que seria sempre uma separação artificial. Fenômenos não podem ser separados dessa maneira. Eles também não podem ser organizados de acordo com linhas retas. Fenômenos se sobrepõem, eles acontecem em camadas. Preciso salientar que na França ‘fronteira’ é um termo militar. Vamos esperar que a ideia de demarcar fronteiras por todo lugar passe com o tempo: esse é um homem, essa é uma mulher, isso é Alemanha, e isso é França. Não há brancos nem pretos, não há culturas puras nem disciplinas puras. Todo pensamento sistemático está errado, todo sistema é uma violação. A realidade é emaranhada e por isso interessante. Todo pensamento cartesiano que cria ordem é fascista. (FLUSSER, 2008, pg.39).

O estrangeiro, categorizado como tal, se opõe diretamente à repulsa daqueles que se encontram acomodados, à repulsa dos monoglotas e dos experts que desenham fronteiras entre os territórios do conhecimento e da memória. (FLUSSER, 2008, pg. 48).

Deste modo, como para Flusser, Rosa pode ter imaginado apagar algumas fronteiras e fazer uma travessia universal com seu herói Pedro Orósio. O autor desse conto também vislumbrou a quebra das fronteiras, a união do cosmos, a ligação estreita entre vida e

morte, o desaparecimento das valas. Algumas ranhuras permaneceram nas entrelinhas, todavia o desenho do grande “S” da estrada se estabeleceu e, talvez, até hoje por aí esteja.

Referências :

AVILA, Myriam. *O retrato na rua: memórias e modernidades na cidade planejada*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BERNARDO, Gustavo, Anke Finger, Rainer Guldin. “Vilém Flusser e os estudos culturais”. In. ___ *Vilém Flusser – uma introdução*. São Paulo: Annablume. 2008.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo : Companhia das Letras.1992.

FANTINI, Marli. Relato de uma incerta viagem [“O recado do morro”]. In. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. São Paulo: SENAC; Cotia: Ateliê,2003.

ROSA, Guimarães. “Recado do Morro”. In. ___ *No urubùquaquá, no Pinhém*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969. pg.5-70.

SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática,1982.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América, a questão do outro*. São Paulo : Martins Fontes, 1983.

¹ Eliane M. D. CAMPOS, doutoranda.
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
Faculdade de Letras
E-mail: elianemariadc@gmail.com

² Gustavo Bernardo KRAUSE, Prof. Dr.
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
Faculdade de Letras
E-mail: gustavobernardokrause@gmail.com